

## DICIONÁRIOS ETIMOLÓGICOS GREGOS

Até 1949, só podíamos contar com um dicionário etimológico grego — o *DELG* de Boisacq, cuja 4.<sup>a</sup> edição (ou impressão) saiu em 1950. Em 1949, J. B. Hoffman publicou um pequeno dicionário etimológico, em alemão. Em 1954, o helenista sueco Hjalmar Frisk começou a publicar, pela mesma editora do de Boisacq, um dicionário etimológico grego. Isso significava que a edição de 1950 do de Boisacq seria a última. O vol. II, e último, do de Frisk ficou pronto em 1972. Mas em 1968 saía pela Klincksieck de Paris o tomo I, em grande formato, do quarto dicionário etimológico grego — o do helenista francês, Pierre Chantraine. Em 1970 saiu o tomo II e o tomo III deve sair em janeiro de 1975. Dos quatro os dois últimos — o de Frisk e o de Chantraine — se complementarão, ao que parece.

Dos quatro eu pretendo dar aqui uma singela notícia, com algumas considerações sobre a “história das palavras”. É uma pequena homenagem ao helenista francês, falecido em 30 de junho de 1974, e um conjunto de informações a estudantes brasileiros de Letras Clássicas, ou a quem mais interessar entre nós.

### 1 — O *EWG* de J. B. Hoffmann.

O de J. B. Hoffmann, *Etymologisches Wörterbuch des Griechischen*, München, Verlag von R. Oldenbourg, 1949, (I-IV) + 433 p., 13 X 19 cm., é um pequeno dicionário manual. Não teve grande repercussão entre nós, em parte por ser em alemão e em parte por ser sucinto demais. É o que também acontece com o dicionarinho de terminologia lingüística e métrica do mesmo Autor, que é, aliás, um grande latinista a quem devemos trabalhos de valor. O prefácio do *EWG* é de apenas meia página. Embora esse dicionário seja citado às vezes, sua informação é sóbria demais e por isso deficiente, pelo menos para nossas necessidades.

### 2 — O *DELG* de Emile Boisacq.

O dicionário de Emile Boisacq, *Dictionnaire étymologique de la langue grecque, étudiée dans ses rapports avec les autres langues indo-européennes*, Heidelberg, Carl Winter, saiu em 1950, em 4.<sup>a</sup> edição, com XXXII + 1256 p., de 15,5 X 22 cm., em uma coluna. Só conheço essa 4.<sup>a</sup> e a 2.<sup>a</sup> edição, de 1923, que diferem apenas pelo fato de a 4.<sup>a</sup>, saída já depois do falecimento do Autor, vir com um índice alfabético de 131 p. (p. 1125-1256), de Helmut Rix. A 1.<sup>a</sup> edição deve ser de 1907 (data do *copyright*) ou 1908. O bom

prefácio de 6 p. (p. VII-X), não datado e bastante informativo, é já da 1.<sup>a</sup> edição.

Boisacq aí faz um balanço das obras de etimologia grega que o precederam. Rastreamo-lo. O famoso trabalho de Georg Curtius, o criador da etimologia grega, *Grundzüge* (= elementos) *der griechischen Etymologie*, foi publicado em 1858-1862, e, dezessete anos depois, em 1879, estava já na 5.<sup>a</sup> edição. Seguiu-se-lhe, treze anos depois, em 1892, o dicionário de M. W. Prellwitz, *Etymologisches Wörterbuch der griechischen Sprache*, e a este, dez anos depois, em 1901-1902, a obra volumosa de Leo Meyer, modestamente intitulada *Handbuch* (= manual) *der griechischen Etymologie*, em 4 vols., Boisacq observa (Pref. p. VII-VIII) que se trata de obra bastante desigual, que na verdade “datava de pelo menos trinta anos antes” já da data da sua publicação e que “foi “acolhida” pela crítica com desfavor não dissimulado”

Quanto ao seu trabalho, diz ele que, quando Prellwitz, em 1892, publicou o seu *EWgSp*, já ele, empolgado pelos estudos de etimologia grega, tinha lançado as bases para elaboração da sua obra. Em 1903 estava com o manuscrito pronto, mas dificuldades de ordem material frustraram a publicação. O que saiu em 1907 (ou 1908) foi, porém, uma refundição completa dos originais de 1903.

Como se vê do seu título, e do seu conteúdo, o tratamento dos fatos se faz pelo método comparativo, invocando-se constantemente o testemunho de outras línguas indo-européias. As formas gregas ou de outros dialetos indo-europeus invocadas em cada verbete vêm traduzidas e reforçadas por freqüentes indicações bibliográficas precisas e concisas, pois nas p. XXI-XXXI vêm 212 títulos bibliográficos, em ficha completa, com indicação precisa da abreviatura com que são usadas, e até com o título de “*Abréviations bibliographiques.*”

### 3 — O *DELG* de Boisacq e o *REW* de Meyer-Lübke.

O Dicionário de Boisacq, nessa 4.<sup>a</sup> edição, tem o mesmo formato e quase o mesmo número de páginas do *Romanisches etymologisches Wörterbuch* de Meyer-Lübke, conhecido por *REW*, da mesma editora (Carl Winter, de Heidelberg), na sua 3.<sup>a</sup> edição de 1935: às XXXII + 1256 p. do *DELG* (131 de índice) contrapõem-se XXXIV + 1204 p. do *REW* (as últimas 389, de p. 815 a 1204, são de índices e correções). Cabe, no entanto, notar que o *REW*, nas suas 814 p. de texto, é mais compreensivo: é em duas colunas, em tipo menor, de interlineado econômico, e tem verbetes numerados. O que, porém, sugere aqui a comparação ou o contraste entre os dois é o fato de que os verbetes do *REW*, sem serem totalmente históricos, contêm muito mais freqüentemente que os do *DELG* informações sucintas de “história da palavra” Pode-se dizer que o *DELG* é apenas comparativo, ao passo que o *REW* é comparativo e tem algo, infelizmente pouco, de histórico. Apesar dessas

reservas, ambos esses dicionários foram excelentes instrumentos de trabalho, e ainda prestam bons serviços aos estudos de etimologia grega e românica.

Aliás, quando se diz que uma obra é superada por outra no campo das ciências humanas, faz-se uma afirmação sempre um pouco exagerada. Como o petróleo não suprime o carvão e a lenha, e, certamente a energia atômica não dispensará o petróleo, como o avião não dispensa o veículo de quatro rodas — antes precisa dele até na pista para ser arrastado e abastecido —, assim o trabalho científico sério de uma época jamais será relegado à posição de apenas documento histórico. Uma boa bibliografia sistemática não é apenas seletiva; é também compreensiva. Só com essa reserva é que se pode dizer que o *REW*, dicionário românico geral, vem sendo, a partir de 1932 ou 1935, “superado” por dicionários românicos especializados, ou antes, dedicados a um domínio românico específico — hispânico, gaulês, itálico, etc. —, embora com maiores projeções externas, por serem históricos e comparativos. Na verdade, ele vem sendo por eles complementado. Tais são o *Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana (DCELC)*, de J. Corominas, em 4 vols. (1954-1957), o *Dictionnaire étymologique de la langue française (DELF)*, de Oscar Bloch e Walther von Wartburg (1.<sup>a</sup> ed., de 1932, em 2 vols.; as demais, em 1 vol.), o *Französisches etymologisches Wörterbuch (FEW)* de W. von Wartburg, em vários volumes, iniciado em 1922), e outros noutros domínios. O nosso *Diccionario Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado, beneficia-se de quase todos esses aí mencionados, mas tem maiores limitações (\*). Deixemos, contudo, de lado esses do do-

---

(\*) — Esta nota é um parêntese nesta secção 4, que já é, por sua vez, parentética. Ela só se justifica ou explica pelo fato de que não convém passar em silêncio sobre o problema do português, quando se fala em dicionários elaborados “sobre princípios históricos”. A 1.<sup>a</sup> edição do *DELP* de J. P. Machado é de 1952-1959 (I, 1952-56; II, 1956-59). A 2.<sup>a</sup>, em 3 vols., de 1967-73, é bastante superior, pela abertura de verbetes novos para as palavras compostas e derivadas, que muitas vezes têm a sua própria história e nem sempre caberiam como encaixe dentro das primitivas. Mas são grandes as suas limitações: 1) O ainda grande acervo de inéditos da época medieval; 2) O problema de lições de edições pouco seguras criticamente; 3) a pobreza de levantamentos auxiliares; 4) a ausência de levantamentos na língua oral, espalhada em grandes regiões de três continentes; 5) talvez o próprio equipamento de biblioteca lexicográfica com que o Autor pôde contar; 6) frequência de hipóteses pouco seguras. Apesar disso, por socorrer-se constantemente do *FEW*, do *DELF*, do *DECLC*, e de outros nem sempre ao alcance do consulente comum brasileiro, ele nos é um instrumento indispensável de trabalho. Não sei como estão, no momento, os planos do INL. A publicação de textos do séc. XVI com vistas a reunir fontes para o *Diccionario da Língua Portuguesa do Século XVI*, baseado “em princípios históricos”, é uma grande tarefa, e tem (ou tinha?) à sua frente um trabalhador de primeira, sério, competente e incansável, na pessoa do Sr. A. G. Cunha, a quem muito deve já a cultura na-

mínio românico, que aqui entraram numa digressão comparativa a propósito do *tournant* histórico na metodologia dos dicionários etimológicos, e retomemos essa questão da “história das palavras” para depois voltarmos aos dicionários gregos.

4 — *Etimologia* — “história das palavras”

A insistência na “história das palavras” começou, é verdade, muito antes dos dicionários atrás mencionados, que a incluíram expressamente na sua metodologia e no seu subtítulo. Na França ela já remonta ao conhecido *Dictionnaire général de la langue française*, de Arsène Darmesteter, Adolphe Hatfeld e Antoine Thomas, que não é etimológico, mas geral, cuja 1.<sup>a</sup> edição saiu em 1890-1900, em 2 vols., e que, em 1932 (guarde-se esta data), estava na 9.<sup>a</sup> edição (ou reimpressão). Na Inglaterra, já em setembro de 1881, o “Prefácio” da 1.<sup>a</sup> edição de *Etymological Dictionary of the English Language*, de Walter W. Skeat (Oxford, at the Clarendon Press, 1979-1882), na primeira parte, insiste sobre a *history of words* e três vezes, em parágrafos diversos, repete essa expressão (p. VIII-IX, cit. pela edição de 1909, impressão de 1953). Desse modo, na França e na Inglaterra, onde o fim do séc. XIX acusa essa preocupação histórica na lexicografia, ali pelo início da década de 1930-1940, surgiu como uma bandeira o uso das expressões *histoire des mots* e *on historical principles*, como apostos indispensáveis aos títulos dos dicionários etimológicos.

Mas a orientação do dicionário de Darmesteter e a expressão ressaltada no de Skeat são apenas marcos. O que aconteceu no virar do séc. XIX para o séc. XX foi uma revolução mais profunda, resultante dos levantamentos da Geografia Lingüística. Conseqüência do exame das cartas e da tentativa de explicar as variantes de significante e de significado são a famosa obra de Gillieron, *La faillite de l'étymologie phonétique* (1919) e seus artigos anteriores de revisão etimológica, às vezes em tom polêmico, baseados no *Atlas linguistique de la France*, bem como o movimento de estudos onomasiológicos e se-

---

cional. Seus prefácios às edições de textos merecem ser lidos com atenção: penso agora especialmente no do *Vocabulário da Carta de Pero Vaz Caminha*, INL 1964, p. IX-XIII. Sem entrar na linha dos que se preocupam com a datação das ocorrências dos fatos léxicos e com as limitações devidas ao fato de ter saído antes da 3.<sup>a</sup> edição do REW (1935), e dos outros atrás mencionados, o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* do saudoso Prof. Antenor Nascentes (Rio, F. Alves (depositário), 1932, XLVIII + 829 p.), pela variedade de fontes não lexicográficas a que recorre, pelo senso de medida e por outros méritos, oferece ainda boa ajuda e boas sugestões, enquanto se espera um dicionário, “história de palavras” baseado em planejamento sério e em trabalho paciente.

masiológicos intitulado “Palavras e Coisas”, iniciado por Rodolfo Meringer e outros, de que é marco a revista *Wörter und Sachen*, de 1909. Os dois polos da etimologia diacrônica, antes tratados pelo método comparativo, sobretudo, passam a ser examinados do ponto de vista histórico, também e principalmente. As “leis fonéticas” resultaram da comparação. Do tratamento histórico surgem as “biografias” de palavras, as “famílias” de palavras, a exploração dos campos de significado nos quais se estendem as palavras afins. E houve mudança notável de interesse na etimologia diacrônica: fazer etimologia passa a ser menos resolver enigmas que reunir e distribuir as formas e os campos de significações de uma raiz ou de um radical e seus compostos e derivados. O dicionário etimológico faz tal estudo pela ordem alfabética das raízes ou dos radicais, ou mesmo do total do léxico. Os estudos monográficos, que lhes fornecem dados, ou os investigam na linha onomasiológica — partindo das noções — ou na linha semasiológica — partindo dos radicais básicos ou do termo individual.

Ficou atrás lembrado que a virada histórica se deu na década de 1930-1940, no que toca às datas de edições de dicionários de “histoire des mots”. Mas sabe-se que um dicionário assim não se elabora da noite para o dia. Por isso é muito elucidativo um exame da lista de cerca de 220 trabalhos (artigos ou monografias) de investigação onomasiológica levantados em Iorgu Iordan, *Lingüística Românica*, Madrid, Alcalá, 1967, p. 410-423, uns 140 por Iorgu Iordan e uns 80 por M. Alvar, seu tradutor, e só no domínio românico, entre os anos de 1901 e 1966, boa parte deles em alemão e no domínio galoromânico. Os de 1901 a 1931 sobem a 70 e os de 1932 a 1966 perfazem 150. Grande incremento a tais estudos se deve à *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, fundada em 1945, que dessa data a 1959 publicou 47 dos 93 estudos arrolados, cabendo, porém, observar que antes de 1945 já tinham vindo à luz 137, sempre entre os arrolados.

É também no início da década de 1930 que se publicam dois importantes dicionários etimológicos na França: o primeiro é latino, e o segundo, francês. O latino, editado pela Libr. Klincksieck em 1932, é o *Dictionnaire étymologique de la langue latine*, de A. Ernout e Antoine Meillet, onde pela primeira vez, que me conste, ocorre em aposição a expressão “histoire des mots”. Seu prefácio, em quatro secções — a 1.<sup>a</sup> e a 4.<sup>a</sup> assinada pelas iniciais dos Autores, A.E. e A.M., a 2.<sup>a</sup> assinada por A. Meillet e a 3.<sup>a</sup> por A. Ernout —, mereceria cuidadoso exame, pois é excelente lição de método. Aqui, porém, me deterei apenas na 1.<sup>a</sup> secção, que se inicia e termina com estas frases:

“O que aqui nos propusemos é apresentar uma exposição histórica do vocabulário latino” (. . .) “Em cada verbete encontrar-se-á primeiramente o estado de coisas na época histórica do latim, exposto por A. Ernout, e, depois, se for o caso, indicações por A. Meillet sobre a história da palavra antes dos primeiros dados dos textos” (p. V, cit. pela 3.<sup>a</sup> ed. de 1951)

É evidente que, em etimologia latina, como também em etimologia grega, como adiante se notará, a datação dos fatos não se fará pelo ano, mas pela época. A precisão não poderia ser assim tão grande!

O segundo é o *Dictionnaire étymologique de la langue française*, de Oscar Bloch e Walther von Wartburg, da PUF, cuja 1.<sup>a</sup> edição, em 2 vols., é também de 1932. Esse não traz o aposto “*histoire des mots*” Mas traz dois prefácios, um com o nome de “Préface”, que é outra luminosa lição metodológica de Meillet (p. V-XV, cit. pela 2.<sup>a</sup> ed. de 1950), e outro intitulado “Introduction” de Oscar Bloch (p. XVII-XXIV da ed. cit.).

Meillet começa lembrando o caráter arbitrário da relação entre a forma da palavra e a noção que ela evoca, discute a seguir, sucintamente, o que é a etimologia de Platão no *Crátilo* (sentido básico de *étymon*, “verdadeiro”) — isto é, “a arte de encontrar por aproximações ( ) o “verdadeiro” sentido da palavra” —, que, observa ele, “não implica uma história da palavra” (note-se a expressão), e continua:

“A etimologia do lingüista é outra coisa. Constatando que a palavra é arbitrária e tem seu valor apenas em virtude duma tradição, o lingüista se propõe determinar qual foi em cada caso essa tradição. O lingüista moderno que faz uma etimologia não procura o sentido real da palavra nem mesmo o sentido que ela teve no passado, mas se esforça por seguir o encadeamento dos fatos de diversas maneiras pelas quais a palavra tomou a sua forma e o seu valor. Em semelhante matéria, o lingüista é historiador e nada mais que historiador” (p. V-VI da ed. cit.).

A *Introduction* de O. Bloch não insiste menos no sentido *histórico* da etimologia, nem omite a “gandeira” da oposição:

“Nosso método é histórico: a etimologia consiste simplesmente na *história das palavras* (grifos meus) e das noções que elas exprimem” ( ). “Estabelecer a etimologia duma palavra é, na medida do possível, fazer a história dessa palavra, é por em evidência as condições particulares da sua presença na língua e os fatos de civilização aos quais essa presença corresponde (*ibid.*, p. XVIII).”

O parágrafo seguinte precisa o sentido da datação das primeiras ocorrências (de forma e noção), fazendo justiça ao *Dictionnaire général*:

“Com exceção das palavras sempre usadas desde a implantação do latim na Gália, datamos todas as palavras. A data da aparição duma palavra é um dos pontos principais da sua história. É uma das auspiciosas inovações do *Dictionnaire général de la langue française* de Darmesteter-Hatzfeld-Thomas o ter ele dado datas precisas. Nada mais fizemos, pois, que seguir esse caminho ( .)” (ed. cit. p. XVIII, fim).

Quando foram publicadas essas palavras, saía a 9.<sup>a</sup> edição do *Dictionnaire général*, como acima se viu. Mas saía também pela mesma ocasião o grande Dicionário de Oxford. Em 1933 publicou-se *The Oxford English Dictionary*, em 12 grandes volumes, como a *New English Dictionary on historical principles*. De 1932 é *The Shorter Oxford English Dictionary*. São ambos “dicionários gerais de língua inglesa”, com datação das mais antigas atestações de formas e semânticas das palavras. A bandeira é sempre *on historical principles*. Assim também é a bandeira de outro saído em 1951 e na América — *A Dictionary of Americanisms*, de The University of Chicago Press, com abundante documentação, abundante e precisa, mas que me tem decepcionado, talvez por culpa minha, em todas as consultas que lhe fiz.

Mas deixemos esta secção 4, que aqui se engastou como um grande parêntese, creio que necessário, para a compreensão brasileira dos progressos da etimologia clássica, latina e grega. Aliás, é bom insistir que, se não se pode fazer boa etimologia românica ou inglesa senão “sobre princípios históricos” não se pode especificamente fazer etimologia portuguesa sem ter sobre a mesa, além dos dicionários gregos e latinos, etimológicos e gerais, também os dicionários mencionados ou examinados nas secções 3 e 4, que são por isso parênteses longos, mas não impertinentes, para nossas necessidades brasileiras. Os dicionários de Oxford, o *DELF* de Bloch-Wartburg, o *FEW* de W von Wartburg, o *DCELC*, de Corominas, são de especial ajuda para explicação dos neologismos e empréstimos eruditos no português, porque as sugestões e os veículos dessas inovações léxicas no mundo moderno partem em geral do francês, do inglês e do espanhol, línguas pelas quais nos chegam em traduções as informações da cultura contemporânea. Voltemos agora aos gregos.

#### 5 — O *GEW* de Hjalmar Frisk

Em 1954 iniciou-se a publicação do *Griechisches etymologisches Wörterbuch*, do helenista sueco, Hjalmar Frisk, pela editora Carl Winter de Heidelberg, em fascículos de 96 páginas. Com o 20.<sup>o</sup> fasc. ficou a obra completa em 2 vols. de cerca de 1000 p. cada um. Não conheço diretamente esse dicionário. Suponho que seja semelhante em formato e extensão e, talvez, em critério expositivo, ao *Lateinisches etymologisches Wörterbuch (LEW)*, de A. Walde e J. B. Hoffmann, na 3.<sup>a</sup> edição, iniciada em fascs. de 80 páginas cada um em 1938, cujo vol. I, de 1938, de XXXIV + 872 p., compreende os fascs. 1-11, e cujo vol. II (fascs. 12-22 (?)) deve ter sido acabado em 1952 ou 1953. (Tenho de exprimir-me assim, ingenuamente, porque meu exemplar só contém os fascs. 12-18 e 20).

O que conheço do *GEW* de Frisk, além de amostras de anotações manuscritas avulsas, devo-o às duas recensões críticas que dele fez J. Humbert na *Revue des Etudes Grecques*, tome LXXV, n.<sup>o</sup> 354-355, jan.-junho de 1962, p. 264-267 referente ao tomo I (fasc. 1-10) e aos fascs. 11 e 12, e tome LXXXI, n.<sup>o</sup> 386-388, julho-dez. de 1968, p. 597-598, referente aos fascs. 17

e 18, de 1966 e 1967. A apreciação de Humbert, apesar das restrições que faz, é muito favorável: Frisk é muito prudente e seguro, prudente demais às vezes. Nas “observações preliminares, de 1954, e na “advertência para o tomo I” de 1960, ele nota que seu intuito não é oferecer ao público um dicionário etimológico indo-europeu, mas grego. A documentação é segura e rica. Humbert conclui a segunda metade da sua primeira recensão comparando as soluções de Frisk às de Boisacq e às de Hoffmann (no *EWG*) para *hermeneús* e para *dynamai*, não ocultando seu entusiasmo com a posição de Frisk.

No que toca à posição de Frisk quanto à “história das palavras” o mesmo Humbert, ao resenhar (em *REG*, LXXXII, 389-390, p. 192-195) o tomo I do *Dictionnaire* de Chantraine, observa, exatamente, que o dicionário do helenista sueco, “antes de mais nada, em seu objetivo, se mantém *etimológico*” e que ele, “antes de dar o seu veredito, em geral breve e negativo, sobre o *étimo* de uma palavra, não se preocupa em apresentar-nos como, na história do grego, os sentidos e as formações evoluíram a propósito dessa palavra, nem tampouco em informar-nos da sua relativa importância, e muito menos do seu destino” (p. 192) Desse modo, o bastante elogiado, rico e sério dicionário de Frisk, apesar de recente, não surgiu ainda sob a bandeira da “história das palavras”

#### 6 — O *DELG* de Chantraine

Em 1968 saiu, pela Klincksieck, o tomo I do *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*, de Chantraine. Foi agora o anúncio do aparecimento do tomo III em janeiro de 1975, bem como a notícia do falecimento do Autor, que nos sugeriram a idéia de fazer este apanhado retrospectivo. Esse é que será o grande dicionário grego de maior interesse para os nossos estudantes, pela sua orientação histórica e também por ser redigido em francês. Começemos pela sua ficha completa.

CHANTRAINE, Pierre — *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots*. Paris, Klincksieck: tome I (A-D), 1968, XVIII + 306 p., de 22 X 27,5 cm., em 2 colunas; tome II, (E-K) 1970, p. 307-608; tome III (L-P) (a sair em jan. de 1975, com 360 p.), p. 609-969. Do tomo I, saiu, como atrás se disse, recensão crítica de J. Humbert na *REG*, t. LXXXII, p. 192-195.

As p. VII-XII trazem um prefácio em que o Autor ressalta que a dificuldade da empresa não atemorizara a Frisk, cujo dicionário “prosseguiu na sua carreira auspiciosa” “bem acolhido pelo público” Acrescenta que, ao iniciar o seu, já sabia “que o trabalho do seu predecessor lhe prestaria grandes serviços, mas que era de temer que seu livro “fizesse duplo emprego” com aquele. E bem caracteriza a oposição entre os dois dicionários dizendo que não concentrara seus esforços “na parte comparativa e etimológica da pesquisa” antes nesse aspecto seguira a Frisk, sempre que não tinha nada melhor a dizer. A sua etimologia seria “a história completa do vocabulário na sua estrutura

e na sua evolução” Seu modelo seria o *DELL* de Ernout-Meillet, “que depois de tantos anos, continua a ser uma obra de primeira ordem” Dedicou duas páginas do prefácio ao problema da *etimologia* e outras tantas, ou pouco mais, à *história do vocabulário*. As p. XIII-XVIII trazem as abreviaturas bibliográficas. E o que é estranho é que, em 1968, após ter mencionado três vezes nesse prefácio o *GEW* de Frisk, e sempre com excelente apreciação, com frequência citando-o e discutindo-o nos verbetes, o seu elenco bibliográfico, mesmo com o título de “Abréviations bibliographiques”, o ignore completamente!

Não cabe no plano desta notícia, nem é da minha competência, examinar o pormenor das soluções de Chantraine. Cabe-me dar apenas a impressão que me deixaram consultas avulsas aos dois tomos já saídos. A perfeição da apresentação tipográfica e, sobretudo, a precisão, a concisão e a clareza na apresentação da matéria tornam a consulta muito agradável. Pode-se tomar qualquer verbe e ir fazendo descansadamente a leitura do dicionário. A discussão etimológica vem sempre na segunda parte do verbe, precedida da abreviatura *Et*.

A apreciação de J. Humbert é entusiasta. “Antes mesmo de abrir esse livro” diz ele “que materialmente se apresenta muito bem, ainda que a composição seja em corpo pequeno, o leitor poderá perceber que esse volume é algo completamente diverso não só do velho Boisacq, relegado à ordem dos monumentos históricos, não só do precioso *Griechisches etymologisches Wörterbuch* de Hj. Frisk, mas também do *Dictionnaire etymologique de la langue latine* de Ernout-Meillet, no qual ele faz pensar por sua apresentação material” (*REG*, t. LXXXII, p. 192) (Humbert pensa na 4.<sup>a</sup> edição do *DELL*, de 1967). Como no *DELL*, a datação não é pelo ano.

O *Avis de souscription* da editora informa que, ao falecer a 30 de junho de 1974, Chantraine tinha já acabado de rever as segundas provas tipográficas do tomo III e deixava em manuscrito cerca de 3/4 do tomo IV (de *Rhô* a *Ômega*), que será acabado por uma equipe de alguns dos seus colegas e alunos, o que garantirá a saída desse tomo dentro do prazo previsto.

Perdoe o leitor brasileiro o tom desta notícia — *notícia*, e não resenha crítica — feita na ausência de uma das obras. Pareceu-me que uma vista geral do que há de melhor em etimologia grega seria mais útil do que estudo mais cerrado dum trabalho que já foi aprovado com entusiasmo por um helenista da altura de J. Humbert. Há, aliás, uma velada intenção metodológica, uma vez que isto se dirige aos nossos alunos e ex-alunos, leitores desta *Revista*: é mostrar como prefácios que dizem coisas válidas e resenhas críticas desses dicionários famosos são boas lições de evolução da etimologia.

Uma informação prosaica que pode ser útil ao leitor é que os tomos I e II talvez não custem mais de 140 ou 150 francos, ambos, e o tomo III está anunciado por 130 francos para os que não são assinantes desde o tomo I.

*Isaac Nicolau Salum*